

humanitas



Vol. I - Vol. II


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



HEGEL E A CULTURA GRECO-LATINA

FRANCISCO VIDEIRA PIRES*
Universidade da Beira Interior

Quando superámos o lugar comum de pensamento hermético, de linguagem impenetrável, a obra de Hegel, na imensa diversidade de aspectos, desde os escritos juvenis à *Fenomenologia do Espírito* e tudo o que veio depois desta, converte-se em desafio apaixonante e altamente enriquecedor, desde que nos familiarizámos com o seu vocabulário. Como sucede sempre com os pensadores e escritores maiores.

Custa a compreender que a ideia negativa sobre ele predomine entre nós, na vaga de endeusamento de um dos sofistas mais frágeis do nosso tempo, - Karl Popper, acerca do qual talvez não tarde a realizar-se o juízo ácido de Feyerabend, onde sustenta que “as suas ideias...o *melhor* é esquecê-las, o mais rapidamente possível”¹.

Para lá do homem de sistema (e como ele marcou toda a filosofia posterior, em especial com a viragem que operou na dialéctica!), Hegel é também poeta, com um perfume esbatido da aura de Hölderlin, um mistagogo, em análises muito subtis da mística natural, e até, o que menos se esperaria de um filósofo dos mais geniais de toda a história, um alto espírito com profundo sentido de humor. Na impossibilidade de correr o verdadeiro mundo, tão diversificado e surpreendente, das suas numerosas cartas, baste para o caso, à laia de exemplo, este breve passo para um amigo, em relação ao ensino da lógica: “é mais fácil ser ininteligível com tom sublime, que ser compreensível em linguagem simples”². As farpas cruéis de Sokal para a “impostura intelectual” de certos

*Catedrático (jubilado) de Sociologia, da Universidade da Beira Interior

¹ Feyerabend, Paul, *Adeus à Razão*, Edições 70, Lisboa, 1991, p. 218

² Hegel, *Correspondance*, Gallimard, Paris, 1962, I, p. 163

estruturalismos vazios de hoje, transparece aqui, em germe.

Mas da incomensurável riqueza do pensamento hegeliano, dada a natureza desta colectânia de estudos, ater-me-ei só a certos aspectos marcantes da sua pedagogia, relativamente à cultura greco-latina.

A pedagogia de um Mestre

Já se chamou ao século XVIII “o século da pedagogia”³. De Rousseau a Pestalozzi, passando por Kant e Fichte, nas personalidades pensantes mais eminentes da época, o sistema educativo, com todo o leque dos seus problemas, do estudante aos métodos de ensino e aos compêndios escolares, anda sempre no horizonte imediato das suas preocupações docentes.

O próprio Hegel há-de considerar-se, ainda na fase de ensino liceal, em Nuremberga, um ‘pedagogo filósofo’⁴. Rosenkranz, seu excelente biógrafo, reconhecendo embora que não concretizou projectos de escrever uma obra sobre a matéria, traça um retrato muito concreto da sua actividade como professor⁵. Já em Nuremberga. É bem conhecida a loucura dos “jovens hegelianos” pelos seus cursos em plena maturidade, na Universidade de Berlim, que se tornou, assim, num dos grandes centros universitários da Europa⁶.

Contudo, a sua *Propedêutica filosófica*, descoberta pelo mesmo Rosenkranz, 7 anos depois da morte inesperada do filósofo, o conjunto de textos pedagógicos, que vão de 1809-1815, como reitor e professor do Ginásio de Nuremberga, pareceres oficiais sobre o ensino da filosofia e um bom punhado de cartas, mormente as dirigidas a Niethammer, bem podemos considerá-las, no conjunto e complementarmente, um tratado bastante completo e precioso de pedagogia, para o ensino médio e superior.

Um fino conhecedor da sua filosofia, - Jean Hyppolite, vai até mais longe, ao afirmar: “O problema que levanta a *Fenomenologia (do Espírito)* não é ... o problema da história do mundo, mas o problema da educação do indivíduo singular, que deve necessariamente formar-se no saber, tomando consciência do que Hegel chama a sua substância. É tarefa directamente pedagógica”⁷.

³ Cfr. Bourgeois, Bernard, na introdução a: Hegel, G.W.F., *Textes pédagogiques*, Vrin, Paris, 1978, p. 7-24.

⁴ Hegel, *Textes Pédagogiques*., p. 134.

⁵ Rosenkranz, Karl, *Vita di Hegel*, Mondadori Firenze, 1974, p. 266 e segs.

⁶ Cfr. McLellan, David, *Marx y los jóvenes hegelianos*, Martinez Roca, Barcelona, 1971.

⁷ Hyppolite, Jean, *Genèse et structure de la Phénoménologie de L'Esprit de Hegel*, Aubier, Paris, 1946, p. 43.

Tanto e mais que ensinar, o professor deve educar ou, melhor ainda, *formar* o homem integral, para a liberdade interior, condição imprescindível de toda a liberdade social. É que “a marca autêntica da liberdade e da força duma organização, consiste em que os momentos diferentes que encerra se aprofundem em si mesmos e se moldem em sistemas acabados, completem, uns e outros, a sua tarefa”⁸.

O conceito de totalidade, central no sistema hegeliano, também aqui é fulcral. Mais que pela soma das partes, o ser estrutura-se teleologicamente. Na perspectiva dinâmica e *intencional* em sentido etimológico e filosófico, a causa decisiva é, como já em Aristóteles, a final. Ora, o fim de toda a educação é dar ao jovem capacidade para se tornar homem completo, em perfeito equilíbrio de corpo e alma, um *καλὸς κάγαθός*, como preceituavam os gregos⁹. Desde o robustecimento do corpo, mediante o exercício físico, até à cultura humanística, técnica, filosófica e teológica, sem esquecer até a caligrafia¹⁰, nada se deve omitir.

Pelo que se refere à importância da religião, um dos melhores estudiosos da cristologia hegeliana reconhece que, na época de Francoforte, com *System-fragment*, ainda “subordina a filosofia (...) à religião”¹¹. E também em 1823, muito depois, como evidencia este passo dum relatório para o Ministério prussiano do Ensino, com o seu parecer acerca do estudo da filosofia nos liceus: “... o conteúdo dogmático da nossa religião, na medida em que este não contém só a verdade em e por si mesma, contém-na igualmente, elevando-se muito acima do pensamento especulativo”¹².

Mais. Pedagogicamente, junto com “as instituições clássicas”, cuja importância adiante veremos, “a verdade religiosa, - isto é, na medida que continua a ser a antiga doutrina dogmática de Igreja, - de tal modo as considero parte substancial da preparação para o estudo da filosofia, que, se o sentido e o espírito do jovem não estiverem previamente imbuídos nelas, os estudos universitários ficarão frustrados, sendo impossível superar o fracasso”¹³.

⁸ Hegel, *Ob. Cit.*, p. 81.

⁹ Cfr. Jaeger, Werner, *Paideia (a formação do homem grego)*, Aster, Lisboa, s/d, e Marrou, Heuri- Irénéee, *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*, Seuil, Paris, 1965.

¹⁰ Hegel, *Textes...*, p. 87.

¹¹ Brito, Emilio, S. J., *La christologie de Hegel (Verbum crucis)*, Beauchesne, Paris, 1983, p. 82.

¹² Hegel, *Ob. Cit.*, p. 157. Sublinhado no original.

¹³ Id., *ib.*, p. 157.

Aliás, na famosa *Propedêutica Filosófica* (de 1808-1813), toda do seu punho, traça, entre outras, no capítulo relativo à doutrina da religião, esta bela página programática, para os estudantes: “Deus é, segundo os elementos da sua essência; 1°) O absolutamente *santo*, enquanto é, pura e simplesmente, em si mesmo, a essência universal; 2°) *poder* absoluto, enquanto realiza efectivamente o universal e contém o singular e o universal, ou, por outras palavras, o eterno *criador do universo*; 3°) *sabedoria*, enquanto a sua sabedoria é por completo poder santo; 4°) *bondade*, enquanto permite às realidades singulares subsistir na sua efectividade; e 5°) *justiça*, enquanto dirige eternamente o singular para o universal”¹⁴.

Quando a morte o colheu, imprevistamente e de modo quase fulminante¹⁵, encontrava-se no auge da actividade criadora. Superámos hoje a fábula coeva da sua duplicidade esotérica e exotérica¹⁶. Mas o seu idealismo distingue sempre, com muita nitidez, a ordem prática da imediatidade de conhecimento e acção, e a transcendental do Espírito Absoluto, em que a realidade será conceptualmente perfeita, na sua idealização abstractizante.

A vida concreta emergente retrata-a admiravelmente, em apontamentos e escritos menores, como a sua numerosa correspondência. Manuscritos do período final, e só publicados posturamente, permitem-nos até levantar a hipótese de que linhas mais herméticas do sistema viriam a alterar-se profundamente, sobretudo quanto à filosofia da religião. Em carta de 1825, por exemplo, anterior à sua morte apenas 6 anos, insurge-se contra o teólogo luterano Friedrich Tholuck, que lhe enviara um tratado a pretender reduzir o mistério da Trindade a simples categorias de Platão e Aristóteles, com expressões como estas: “o elevado conhecimento de Deus em três pessoas não mereceria outro respeito? E poder-se-á atribuí-lo apenas a um processo histórico, puramente exterior? (...) Existe nele um espírito mais alto que o de uma pura tradição humana”¹⁷. E o ensaio póstumo sobre as provas da existência de Deus, dirigido contra Kant, traz-nos, mais duma vez, a afirmação expressa de que “a perspectiva em que nos movemos é a cristã”¹⁸.

¹⁴ Hegel, G.W.P., *Propédeutique philosophique*, Minit, Paris, 1963, p. 84, 77.

¹⁵ Cfr. Rosenkranz, K., *ob. cit.*, p. 438.

¹⁶ Cfr. Videira Pires, Francisco, *Marx e o Estado*, Lello & Irmão, Porto, 1983, p. 83 e segs.

¹⁷ Hegel, *Correspondance*, III, p. 333-334.

¹⁸ Hegel, G.W.F., *Les preuves de l'existence de Dieu*, Aubier, Paris, 1947, p. 246.

Precisávamos de lembrar isto, embora muito esquematicamente, para medirmos todo o alcance da importância fundamental que Hegel atribui à religião, no plano educativo. Que é sempre o seu, até na *Fenomenologia*, como vimos, pois toda ela tende a porificar a “consciência natural”, para a elevar “ao espírito”, de modo que, “através da experiência completa de si própria, chegue ao conhecimento do que é em si mesma”¹⁹.

A Formação Clássica

Logo à entrada da sua história da filosofia, pioneira de quantas viriam depois, Hegel não hesita em estampar esta explosão de entusiasmo: “Grécia! A este nome, o coração do homem culto da Europa, e o nosso de alemães em particular, sente-se em terra natal. A sua religião, o além, o que fica mais afastado, receberam-no os europeus de mais distante, receberam-no os europeus de mais longe, do Oriente, da Síria. Mas o aqui, o presente, as ciências e a arte, aquilo que, satisfazendo a nossa vida espiritual, ao mesmo tempo lhe dá dignidade e beleza, como sabemos, isso brotou da Grécia directamente ou, indirectamente, (...) através de Roma”²⁰. E termina assim o longo parágrafo inicial da obra: “Se fosse lícito sentir sandades, seria por esse país, por essa existência”²¹.

Desde a escola elementar ao tempo da carreira académica, no *Stift* de Tubinga, todos os seus estudos vinham embebidos de cultura clássica, predominantemente helenística. Cedo o grego e o latim se lhe tornam tão familiares, que, pelo menos do ginásio em diante, falava em latim com os colegas, as dissertações escolares redigia-as estatutariamente nesta língua, que emparceirava até com o alemão, no seu diário pessoal. Distinguia, com sentido apurado, o latim clássico de pedestre, como quando louva um colega de docência pelo seu “estilo latino de bom recorte”²².

Até nas cartas para amigos sentenças dos clássicos de Roma ocorrem, frequentemente, não raro lado a lado com citações bíblicas. O santo e senha do seu clube estudantil, em Tubinga, era o evangélico “Göttes Reich”, mesmo em cartas de mais tarde para íntimos como Schelling e Hölderlin²³.

¹⁹ Hegel, G.W.F., *La phénoménologie...*, p. 69.

²⁰ Hegel, G.W.F., *Leçons sur l'histoire de la philosophie*, Vrin, Paris, 1971, I, p. 21.

²¹ Id., *ib.*, p. 21.

²² Hegel, *Correspondance*, I, p. 344. Cfr. Rosenkranz, *ob. cit.*, p. 28-60

²³ Cfr. Hegel, G.W.F., *Escritos de Juventud*. Fondo de Cultura Económica,

Mais que Roma, era, porém, a Grécia, que, acima de tudo, o fascinava. Entre os colegas do *Stif*, ligava-o a Hölderlin amizade tão estreita, que ainda anos mais tarde se tratavam por “irmãos”. Ao que não seria estranho o facto de ver nele, “concentrado ao extremo”, o seu “amor pelo helenismo”²⁴. Ambos nutriam a mesma paixão por Sófocles, cuja *Antígona* considerava a obra-prima da literatura grega. Simbolicamente, Hölderlin escreveu até, no album particular do filósofo, o mote, “Εν καὶ πᾶν, como síntese existencial própria”²⁵.

Frágil poeta, comparativamente com Hölderlin, o perfume ático do génio deste perpassa, mesmo assim, pelos seus versos, como no longo poema *Elêusis*, que lhe dedica e envia, em extensa carta, já quando preceptor em Berna. Numa das estrofes, anseia por “que saltem e se abram, agora mesmo, as portas do teu santuário, / Ó Ceres, que reinaste em Elêusis”²⁶. Pode bem mesmo ser que, na sombra esbatida desta estrofe de Hölderlin para os “jovens poetas”, pairasse a lembrança esfumada do “irmão” Hegel:

“Queridos irmãos! Talvez a nossa arte amadureça,
Pois, como o jovem, há muito fermenta já,
Em breve, em beleza serena;
Sede, então, devotos, como o Grego o foi”²⁷.

A veneração do filósofo pela cultura grega tornara-se, de facto, devoção autêntica, pelos seus maiores escritores e filósofos. Roma considerava-a mais como elo de ligação com a Hélade, pois o esplendor da cultura antiga irradiava primariamente da matriz ática. Aristóteles merece-lhe, logo de entrada, no capítulo em que o estuda, este juízo grandiloquente: “...foi um dos génios

México-Madrid-Buenos Aires, 1978, p. 49 e 56. Sobre a intencionalidade da expressão, em Hegel e nos amigos Höderlin e Shelling, ver: D’Hondt, Jacques, *Hegel secret*, PUF, Paris, 1968, p. 329-3231 (embora a tese “maçónica” possa contestar-se, pela pouca estima que Hegel revela da maçonaria, em *A constituição da Alemanha* (cfr. Hegel, *Scritti politici*, Einaudi, Torino, 1974, p. 121); Löwith, Karl, *De Hegel à Nietzsche*, Gallimard, Paris., 1969, p. 67-68; e, finalmente, o delírio gnóstico de Bloch, Ernst. *L’esprit de l’utopie*, Gallimard, Paris, p.297 e segs.

²⁴ Rosebkranz, K, *ob. cit.*, p. 60

²⁵ *Id.*, *ib.* p. 2. A fórmula vem de Parménides. Cfr. Dumont, Jean-Paul dir. *Les presocratiques*, Gallimard, Paris, 1988, p. 261, e Gutrie, W.K.C., *A history of greek philosophy*, University Press, Cambridge, 1965, II, p. 31 e segs...

²⁶ Cfr. Hegel, *Escritos de juventud*, p. 212-215, Rosenkranz, K. *ob. cit.*, p. 97-100, e *Correspondance*, I, p. 40-43.

²⁷ Tradução de Paulo Quintela, em: Hölderlin, *Poemas*, Atlântida, Coimbra, 1959, p. 37.

científicos mais ricos e vastos (e dos mais profundos) que jamais existiram. Nenhuma época oferece nada que se lhe compare. (...) Ninguém com tanta dimensão e espírito especulativo”²⁸.

Aliás, toda a exposição crítica sobre a filosofia grega revela conhecimento directo e exaustivo dos textos originais, tanto quanto ao tempo era possível, até para os presocráticos, antes do trabalho monumental dos *Fragmente der Vorsokratiker*, de H. Diels (1903).

Em carta para um exímio tradutor de Homero, propõe-se pôr a filosofia a falar alemão, à maneira do que Lutero fizera para a Bíblia²⁹. De facto, os especialistas do seu pensamento salientam, muito justamente, a profunda originalidade e riqueza do seu vocabulário, que em larga medida perdura até hoje, porventura mais ainda que o de Kant. Pois, se esse léxico metafísico tem muito de germânico, revela também raízes helénicas e neo-testamentárias.

O jovem Hegel cresceu, culturalmente, embalado pelas vozes da Revolução Francesa, cujo espírito de liberdade o contagiou vivamente, como a toda a sua geração. Eduardo Gans, primeiro editor da obra póstuma do filósofo, não receou escrever que toda ela “está construída só com o metal da liberdade”³⁰.

Só que esta palavra tornara-se um “grito cego”, vazio de sentido³¹, com a destruição dos “corpos intermédios”, sede primária de todo o poder representativo. E é no povo, não nos políticos, um povo esclarecido e consciente dos seus direitos e deveres cívicos, que Hegel coloca o princípio de qualquer política do bem comum³². A partir de Nuremberga, acredita cada vez menos nos políticos, até porque aprendera, com os sobressaltos sanguinolentos do Terror, que o anarquista de hoje, tomado o poder, tende a converter-se no conservador da situação vigente³³.

Não gosta, por isso, que os jovens se intrometam na política, antes de adquirirem cultura sólida e capacidade madura, para discernir o perdurável do efémero. Ao saber, como reitor do ginásio, que os seus estudantes haviam constituído uma associação política filo-gaulesa, onde as composições individuais eram calorosamente discutidas em grupo, em vez de os proibir, “louvou o

²⁸ Hegel, G.W.F., *Leçons sur l'histoire de de la Philosophie*, Vrin, Paris, 1972, III, p. 499.

²⁹ Hegel, *Correspondance*, I, p. 96.

³⁰ Cit. em Riedel, Manfred, *Hegel fra tradizione e rivoluzione*, Laterza, Roma-Bari, 1975, p. 91.

³¹ Cfr. Hegel, *Scritti politici*, p. 122.

³² *Id.*, *ib.* p. 313-314.

³³ *Id.*, *ib.* p. 313-314.

interesse científico” dos alunos, mas “propôs-lhes, como alternativa, de preferência a leitura de Homero, nas aulas. Com a direcção dele, isto constituiria um exercício de tradução rápida e um modo de empregar melhor os tempos livres”³⁴.

Propedêutica para a Filosofia

Esta paixão pela cultura greco-latina, acompanha Hegel até à morte, no Inverno de 1831. O prefácio da última obra que publicou em vida, - *Naturrecht und Staatwissenschaft im Grundrisse Grundlinien der Philosophie des Rechts*), título da edição de 1821, recorre até a um velho adágio de sabor erasmiano, em grego e latim, para evidenciar a tarefa árdua de demonstrar que o Estado é o “universo ético”³⁵.

Daria longo e fecundo ensaio respigar toda esta marca fundamente clássica, através dos escritos de Hegel, desde a juventude até Berlim, em letra textual e mais em espírito conscientemente assimilado, até muitas vezes em cartas corredias. Limitemo-nos a assinalar o aspecto do seu magistério, relativamente à cultura greco-latina. É que, para Hegel, o latim e o grego, em toda a opulência das civilizações que incarnavam, constituem o alicerce da educação integral.

O ensino médio e superior saíram abalados das guerras napoleónicas, a ponto de Feuerbach escrever que, tirante a de Berlim, as Universidades alemãs “não passam de cervejarias”³⁶. Como iniciativa pessoal e, desde os tempos de Nuremberga pelo menos, por encargos sucessivos das autoridades competentes, Hegel viveu apaixonadamente comprometido com a melhoria e até a reforma dos programas escolares, secundários e universitários.

Dispomos de elementos bastantes para o comprovar, pelas suas cartas a personalidades empenhadas na educação pública, pelos pareceres oficiais que lhe foram solicitados, como principalmente pelos discursos de encerramento solene de distribuição de prémios, quando reitor do ginásio de Nuremberga. Esse conjunto de textos, em que vou limitar-me ao essencial, constitui a meu ver, uma das apologias mais válidas que ainda se escreveram, sobre a transcen-

³⁴ Rosenkranz, K., *ob. cit.*; p. 268.

³⁵ Eis o adágio, tal como Hegel o cita: Ἰδοὺ Ῥόδος, ἰδοὺ τὸ πῆδηα *Hic Rhodus, hic saltus*» Hegel, G.W.F., *Principes de la philosophie du droit ou droit naturel et science de l'État en abrégé*, Vrin, Paris, 1975, p. 57.

³⁶ Cit. em McLellen, David, *Karl Marx (la sua vida. il suo pensiero)*, Rizzoli, Milano, 1976, p. 27.

dência formativa do ensino da cultura greco-latina.

Urgia, primeiro, reformar os programas. Hesita em começar. Pelos do ensino secundário? Ou pelos universitários? Defende que, “no ginásio, se ensina já demasiada filosofia”, que, “na classe inferior, se pode dispensar”³⁷.

Pelo contrário, “o estudo dos autores antigos é o que mais convém à juventude dos ginásios”, já que, “*pela sua substância*, constitui a verdadeira introdução à filosofia”.

Em relatório de 1821, portanto quando já deslumbrava Berlim, com as suas lições universitárias de filosofia, lamenta que os alunos cheguem ao ensino superior sem preparação para voos metafísicos³⁸. Por isso, defende a introdução, no ciclo liceal, do “estudo dos Antigos”, pois, “graças a ele, a alma e a representação da mocidade penetram nas grandes intuições históricas e artísticas, com um conteúdo de indivíduos e povos, com as suas acções e destinos, tais como as suas virtudes, os seus princípios éticos e a sua religiosidade. Mas, para o espírito e o aprofundamento da sua actividade, o estudo da literatura clássica só pode tornar-se verdadeiramente fecundo, se, nos cursos superiores dum ginásio, o conhecimento formal duma língua se considerar mais que um meio, e que, em contrapartida, se faça da matéria em questão o ponto principal, reservando o aspecto mais erudito da filosofia para a Universidade e para os que preferam dedicar-se em exclusivo à filosofia”³⁹.

Até o ensino da estética, na classe superior, seria preferível confiá-lo “ao professor de literatura clássica”, a que se deve dar horário completo, não lhe cortando horas de aulas. E o estudo não há-de circunscrever-se ao conhecimento material da língua para falar e traduzir, mas, ainda no período ginásial, é indispensável que os alunos “adquiram, além dum conceito mais completo da *métrica*, conhecimentos mais seguros da natureza da *epopeia*, da *tragédia*, da *comédia* e de questões deste género”⁴⁰.

Mesmo como preparação duma carreira profissional, os clássicos tornam-se fundamentais. É que, mais que ensinar, mobilar o cérebro, urge formar integralmente o homem, dando-lhe o sentido de responsabilidade. Ora, nos clássicos, “encontram-se os *elementos iniciais* e as *representações fundamentais*

³⁷ Hegel, *Correspondance*, I, p. 353.

³⁸ cfr. Hegel, *Textes pédagogiques*, p. 154, n.2. Todos os sublinhados de textos hegelianos são do original.

³⁹ Id., *Ib.*, p. 156-157.

⁴⁰ Id., *Ib.*, p. 140.

das ciências ou, genericamente, daquilo que é digno de ser aprendido. Por este motivo, são eles tão apropriados para a preparação destinada às *ciências profissionais*. Quanto às *belas artes*, então, constituem a sua *sublimação*". Nem sequer o carácter mais abstracto do pensamento filosófico lhe é estranho, já que, nos autores clássicos, essa abstracção se manifesta com "uma frescura viva"⁴¹.

Neste discurso de distribuição de prémios aos seus estudantes de Nuremberga, a 2 de Setembro de 1813, nem esquece "os ideais" da juventude desse tempo e lugar. Arde neles a chama do "ilimitado", em contraste com o pragmatismo estreito de certas orientações pedagógicas do tempo, que já começavam a preferir o útil e imediato de uma profissão, ao tesouro inestimável duma boa cultura geral, a servir de suporte sólido ao que viesse depois. Para Hegel, o que importava, no ensino médio como no superior, era incutir aos jovens "a representação e o conceito de uma vida completa", pois, "é nesta representação que nos introduzem principalmente os *Studia humaniora*. Estes estudos dão-nos a representação familiar do humano integral. O sentido da liberdade nos Estados antigos, a traveção íntima da vida pública com a privada, no sentido do universal, com o sentimento do que pertence à ordem particular, fazem com que os supremos interesses da humanidade individualizada, os pilares mais notáveis da vida pública e da actividade privada, as forças que subvertem e elevam os povos, se apresentem como princípios de intercultura constante, como reflexões naturais e simples, que tendem para os objectivos quotidianos do presente normal". Leis e deveres não se apresentam como princípios abstractos, impostos de fora, antes "se configuram vivos, enquanto *costumes* e *virtudes*"⁴².

Percebe-se, na própria linguagem de Hegel, o esforço para fugir ao abstraccionismo sistemático, iniciado em Iena, de que a *Fenomenologia do espírito*, lá terminada em 1807, é a expressão mais genial⁴³. Desce ao nível quase coloquial da assistência, maioritariamente estudantil. Assim, pela altura da sua docência com eles, lentamente captam e assimilam o "saber de experiências feito" do Mestre, que leva na alma o esplendor existencializado da cultura de que lhes fala.

⁴¹ Id., *Ib.*, p.120.

⁴² *Id.*, *Ib.*, p. 121. Sublinhado no original.

⁴³ Como revela a Schelling, em carta de 1 de Maio de 1807: "Enfim, terminei a obra". (Hegel, *Correspondance*, I, p. 150). Cfr. Hippolite, *J. ob. cit.*, p. 56-57, com as notas respectivas.

Tão intenso e conatural se lhe tornara o cerne mais profundo e imortal da cultura clássica, que a missão fundacional da filosofia, - “captar e compreender o que é”⁴⁴, traduziu-a numa das metáforas mais belas de toda a história do pensamento metafísico, quando afirmou que “a coruja de Minerva só levanta voo, ao cair da noite”⁴⁵. Como Aristóteles antecipara: quando superámos todo o empirismo sensível, para atingir, no *espanto* abissal, “as coisa difíceis e dolorosamente acessíveis ao conhecimento humano”, então o homem torna-se finalmente um “sábio”, alguém que *sabe por dentro*, no mais íntimo dos seres, “o quê e o porquê”⁴⁶.

Ao que só chegamos, na luta dolorosa da lucubração até ao limite, como confessa Hegel a um amigo católico, confidenciando- lhe a sua experiência de pensador em profundidade, ... “esta descida a regiões obscuras, em que nada aparece consistente, determinado e certo, com estrelas a brilhar de todos os lados, fogachos turvados pelo meio envolvente, que projectam reflexos que mais enganam do que iluminam regiões onde cada vereda surge bruscamente cortada, a perder-se no indeterminado, extraviando-nos do destino e direcções”⁴⁷.

Isto é pensar em totalidade. Com a coruja de Minerva a abrir as asas, a filosofia entrega-se, por fim, inteira, captando o eterno na corrente do efémero que passa e em que ninguém volta a banhar-se.

⁴⁴ Hegel, G.W.F., *Principes de la philosophie du droit...*, p. 57

⁴⁵ *Id.*, *Ib.*, p. 59.

⁴⁶ Aristóteles, *Metafísica*, A 1, 881 a 883 a.

⁴⁷ Hegel, *Correspondance*, I., p. 281.